

O lugar de fala de mulheres nos telejornais de Curitiba no dia 8 de março

RESUMO

Lívia Mie Anbai Soares

mienbai2@gmail.com

Universidade Positivo, Curitiba, Paraná, Brasil.

Lucas André Vasconcelos Vichinheski

lucasvichinheski@hotmail.com

Universidade Positivo, Curitiba, Paraná, Brasil.

Sandra Nodari

sandra.nodari@up.edu.br

Universidade Positivo, Curitiba, Paraná, Brasil.

Este estudo analisa três telejornais exibidos no dia 8 de março, Dia Internacional das Mulheres, buscando mostrar como está sendo representado o lugar de fala das mulheres nessa data. Entre os jornais escolhidos estão o Meio Dia Paraná da emissora RPC (Globo), o Balanço Geral Curitiba do canal RICTV (Record) e o Tribuna da Massa (SBT). A análise parte de categorias pré-estabelecidas, por exemplo, se a mulher está como repórter e/ou fonte, quanto tempo durou a exposição do conteúdo comparado a outras notícias daquele mesmo programa, se o assunto tratado é relacionado e tendencioso a estereótipos e também quanto à linguagem utilizada, tanto a verbal, não verbal e audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo. Mulheres. Curitiba. Gênero. Lugar de fala.

INTRODUÇÃO

O dia 8 de março é conhecido como Dia Internacional de Luta das Mulheres, Dia Internacional da Mulher ou dia da Greve Internacional das Mulheres. A data surgiu quando em 1975 houve a oficialização por meio das Organização das Nações Unidas. Sua origem pode estar relacionada a um incêndio que teria ocorrido em uma fábrica de tecidos em Nova York, causado pelo proprietário do estabelecimento, após uma declaração de greve das operárias. Textos em jornais, revistas e emissoras de televisão e rádio afirmam terem morrido várias mulheres carbonizadas, devido ao fechamento das portas. Segundo a autora Ana Gonzáles (2010, p.29), esta versão da história é propagada em todo o mundo, mas pode não ter sido verdade.

González explica que na Espanha os jornais replicavam a história de que um incêndio teria ocorrido em 1908, em uma fábrica chamada Cotton: "Esta história era repetida ano após anos nos jornais espanhóis, tanto nos de circulação regional como nacional, mas, por meio de nossa pesquisa, observamos como os dados oferecidos nem sempre coincidem" (2010, p. 29). Também, segundo Celuy Hundzinski (2003, online, n.p.), o jornal francês L'Humanité noticiava, em 1955, que o Dia Internacional das Mulheres era comemorado, em 8 de março, por causa de uma manifestação de operárias em Nova York, que teria ocorrido em 1857.

Hundzinski chama a informação de boato e culpa os jornais pela propagação do mito. A autora afirma que a escolha da data pode ter sido criada na Rússia e por outro motivo. Segundo a pesquisadora, a decisão pelo 8 de março seria a associação feita ao nascimento de Clara Zetkin, que em 1910, durante a Segunda Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, propôs a criação de um dia das mulheres para lutar pelo direito de voto. Com a evolução da história, a data foi sendo usada por mulheres de diversos países como dia de luta.

Mais recentemente, em 2000, surge a Marcha Mundial das Mulheres, um movimento que possui caráter de oposição à celebração do dia 8 de março como algo festivo – assim, dando um significado de luta e mobilização através da junção de diversas mulheres por todo o mundo, buscando visibilidade, incluindo na mídia televisiva. A ideia de uma marcha foi iniciada por 850 mulheres canadenses, em 1995, no Québec, quando seguiram caminhando por cerca de 200 quilômetros reivindicando por igualdade. Nas ruas, elas pediam de forma simbólica por “pão e rosas”, contudo, “no final desta ação, diversas conquistas foram alcançadas, como o aumento do salário mínimo, mais direitos para as mulheres imigrantes e apoio à economia solidária” (MMM, 2020, on line, n.p.).

Atualmente, entre as principais reivindicações das marchas está a visibilidade das mulheres. O grande volume de mulheres nas ruas e o grande crescimento das marchas fazem com que as cidades de diversos países sejam modificadas durante o Dia Internacional de Luta das Mulheres, com isso este evento acaba por se tornar fonte e pauta para os jornalistas, sendo retratado na mídia. A partir disso, a questão abordada neste artigo é justamente: se essa representatividade existe por meio do lugar de fala?

REVISÃO DA LITERATURA

Questões de gênero têm sido trazidas para discussões nas redações de jornalismo com movimentos como o 8 de março. Entre os temas abordados estão o contraste da desigualdade entre homens e mulheres, em todos os patamares e situações, tendo como exemplo questões que envolvem salário, assédio, cargos dentro de empresas e tarefas domiciliares, entre outros. Dentro desse âmbito de desigualdade, este artigo volta-se à análise sobre a representação do “lugar de fala” das mulheres no dia 8 de março nos telejornais da cidade de Curitiba, no Paraná, e tem como objetivo analisar não apenas as palavras e gramática usada, mas o discurso, como aponta Eni Orlandi (1999, p. 15):

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Para isso foi tomado como base o conceito de “lugar de falar”, pois “fala” não é somente uma defesa de posições dentro de um espaço que compreendemos como neutro. Nesse ambiente está marcado de maneira implícita o modo de enxergar a realidade dependendo do posicionamento tomado por aquele que é tido como fonte. Em resumo, “uma fala produz uma resposta e o lugar em que esta resposta faz sentido” (BRAGA, 2000, p.170).

Mas chega-se em uma questão particular: o que é “lugar de fala”? Segundo Amaral (2004, p. 104), esse conceito surgiu na tentativa de suprir uma deficiência existente na mídia através do sensacionalismo:

O conceito de Lugares de Fala surge na tentativa de abordar questões que a noção de sensacionalismo não responde, pois por intermédio dela, normalmente, a imprensa popular é analisada do ponto de vista dos valores que regem a imprensa de referência e o que não corresponde a eles costuma ser rotulado de estratégia mercadológica.

A autora explica que essa concepção parte da criação de um meio explicativo para demonstrar que os jornais, tanto populares quanto os considerados de referência, abordam conteúdos de lugares distintos, concedendo diversidade às falas das fontes e dos leitores. Então, encontram-se nos textos a variedade a partir da pessoa ouvida ou vista – já que estamos em um ambiente que também trabalha com imagens –, variedade essa permitida através dessa pessoa por trás da fala, que possui conhecimento de modo empírico.

Apesar de Amaral conceituar lugar de fala como metodologia de análise, dentro dos estudos de gênero, há outras formas de discutir o que significa este conceito. Para Djamila Ribeiro (2017, p. 83-84), lugar de fala significa posição social na qual o sujeito que fala se localiza.

Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco pode teorizar a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A

travesti negra fala a partir de sua localização social assim como o homem branco cis.

No livro “O que é lugar de fala”, a autora questiona, a partir de diversas autoras feministas, quem são as vozes que têm espaço para ser ouvidas na sociedade como discurso de credibilidade, numa “pretensa universalidade” e um “discurso autorizado e único, que se pretende universal” (RIBEIRO, 2017, p. 70). Uma questão a ser refletida é se a escolha das fontes femininas, pelos jornalistas, dá espaço à multiplicidade de vozes ou se confirma o “regime de autorização discursiva” em que o homem tem mais espaço.

Como exemplo, a autora apresenta a seguinte questão: “Quando existe algum espaço para falar, por exemplo, para uma travesti negra, é permitido que ela fale sobre Economia, Astrofísica, ou só é permitido que fale sobre temas referentes ao fato de ser uma travesti negra?” (RIBEIRO, 2017, p. 77). A obra foca na questão de gênero e nas mulheres negras para discutir o conceito de lugar de fala a partir do racismo e sexismo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo de caso contemplará uma edição de cada um dos três telejornais selecionados como corpus: o Meio Dia Paraná da emissora RPC, afiliada à Rede Globo, o Balanço Geral Curitiba do canal RICTV, afiliado à Rede Record, e o Tribuna da Massa veiculado na Rede Massa, afiliada ao SBT, exibidos no dia 8 de março de 2019. Entre as questões para a pesquisa estão: se existe tendenciosidade e estereotipização quando o assunto tratado e também a linguagem utilizada, que incluem verbal, não verbal e audiovisual. E, ainda, se a mulher está como repórter e/ou fonte, o tempo de exposição do conteúdo no qual essas mulheres ocupam o seu lugar de fala comparando com as outras reportagens do mesmo programa.

Tendo conhecimento dessas questões, partimos para a análise do programa em si e segundo Luiz Gonzaga Mota, “aquilo que incluímos ou excluímos de nossas narrações depende da imagem moral que queremos construir e repassar” (2013), ou seja, é possível analisar no programa o uso verbal e o uso de takes que reforçam questões sexistas já existentes.

Analisar a narrativa é criticar, “questionar, submeter a exame” (Ruiz, 1980), dessa forma, a análise do conteúdo tem como foco colocar em interrogatório a forma em que as mulheres são tratadas na reportagem, uma vez que o espírito de crítica nasce da inquietação pessoal, julgando e definindo valorativamente, correndo o risco de levar ao ceticismo. Ainda para Motta (2013, p. 23): “ser crítico é duvidar, indagar a realidade histórica e questionar criativamente as verdades definitivas”.

O analista identifica os conflitos e posiciona as personagens, por esse olhar é possível dizer que foram identificados conflitos infelizes na construção da reportagem, até mesmo no tom de voz do apresentador(a) ou repórter ao falar sobre as matérias jornalísticas produzidas nesse dia, caindo no sensacionalismo ou estereótipo com o uso de trilhas sonoras e imagens forçadas.

Segundo Gonzaga Motta, a análise da narrativa jornalística é um meio caminho entre a análise da narrativa literária e a análise da narrativa histórica, sendo uma ponte entre o ficcional e a fática.

Também vale ressaltar os ensinamentos de Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2002, p. 69) sobre a união da imagem com o áudio usado nas sonoras, segundo os quais “o repórter deve desenvolver a compreensão da imagem. A regra é: imagem e palavras andam juntas. O conflito entre elas deve ser evitado, uma vez que distrai o público; mas se assim ocorrer prevalece o poder da imagem”.

O objetivo deste artigo é, por meio da análise, verificar se as técnicas utilizadas pela equipe de produção (escolhas de fontes, de imagens, cenas, tempo de exibição, linguagem verbal, não verbal e o vocabulário) acabam favorecendo o local de fala ou apenas reforçando um estereótipo existente o qual reforma ideias machistas sobre essas mulheres.

Os objetivos específicos são: descobrir como as mulheres têm sido representadas em telejornais no dia 8 de março, o Dia Internacional das Mulheres; verificar se o lugar de fala é levado em conta; levantar se alguma jornalista mulher apresentou o telejornal; descobrir se as reportagens trazem mulheres como fontes e como repórteres; inventariar qual foi a linguagem utilizada e como pode ajudar ou atrapalhar a matéria.

Assim, tendo em vista essas discussões, a análise dos jornais seguirá usando esses ensinamentos como base para analisar desde a trilha sonora, movimentação de câmera, fontes, sequências, cenas, imagens, tom de voz do apresentador (a), repórter, uso de palavras escolhidas, além do contexto apresentado e a construção de cenário, para assim fazermos um empate com o lugar de fala.

O primeiro passo para compreender e proceder com o estudo é conhecer o material de análise. Como contido em sua descrição, o Tribuna da Massa apresentado por Eleandro Passaia, é exibido ao vivo com notícias de Curitiba e Região Metropolitana, tendo como horário de transmissão iniciado às 11h45, sendo de segunda à sexta, e aos sábados às 12h. Já o Meio Dia Paraná é exibido de segunda a sábado, com notícias de todo o Estado, ao meio-dia, e é apresentado por Fernando Parracho. E o Balanço Geral Curitiba, começa seu horário de transmissão às 11h50, e atualmente é apresentado por Guilherme Rivaroli, com notícias locais e estaduais.

Para o estudo, foram estabelecidas as seguintes categorias de análise:

Mulher como fonte e/ou repórter: como as mulheres estão presentes dentro das reportagens?

Tempo de exibição: o tempo de exibição das reportagens voltadas a esse assunto varia quando comparado ao de outras matérias jornalísticas do mesmo programa? E o tempo da mulher como fonte?

Linguagem verbal: a linguagem colabora para que exista o lugar de fala ou é usado um discurso sexista que reforça estereótipos e marginaliza?

Linguagem não verbal: como é a linguagem não verbal utilizada através de gesticulação, objetos e cores usadas e seus respectivos significados?

Linguagem Audiovisual: como as imagens e cortes de imagens são usados na construção das cenas?

Por meio desses pontos pré-definidos, foi feito o exame do material para que assim o presente estudo possa determinar: há ou não representação feminina através do lugar de fala ou apenas reprodução de ideias que reforçam condutas que abrigam conceitos machistas sendo repassados pela mídia jornalística considerada tradicional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise foi feita para identificar pontos específicos sobre “lugar de fala” quando o assunto “dia internacional da mulher” é abordado dentro dos programas noticiários, levando-se em conta que no dia 8 de março, por ser um dia de protestos pelos direitos das mulheres e até de celebração em alguns lugares, o tema certamente será pautado com muito mais tempo do que em dias comuns. O objetivo da análise é questionar como o lugar de fala é colocado dentro dos telejornais através das situações e reportagens que foram apresentadas e se existe alguma matéria que reforce os estereótipos colocados para as mulheres. A equipe vai analisar, a seguir, se as mulheres têm ocupado o lugar de fala dentro do jornalismo, seja como repórter ou fonte, além de como os temas tratados e abordados refletem isso de alguma maneira.

MEIO DIA PARANÁ (RPCTV/GLOBO)

A RPC (Globo) não disponibilizou na íntegra a exibição do telejornal “Meio Dia Paraná” do dia 8 de março de 2019 para a análise. Sendo assim, a equipe optou por analisar os vídeos que estão disponíveis no site da emissora com as reportagens e materiais utilizados durante o telejornal. São 106 vídeos que abordam diversos acontecimentos e assuntos do dia, inclusive o “Dia Internacional da Mulher”. Desses 106 vídeos, 30 são relacionados às mulheres, sendo uma entrevista de 10 minutos e 57 segundos com a Socióloga Marivânia Conceição de Araújo sobre políticas públicas para tentar combater a discriminação, 14 reportagens sobre violência e combate, incluindo notícias de feminicídio, 6 reportagens sobre a luta de Dona Elvira, a reportagem conta a história de vida da mulher paranaense de 104 anos que se tornou símbolo de luta pelos direitos das mulheres apresentando dados.

Além disso, sete entradas ao vivo de homenagens que aconteceram no dia, incluindo a ação da emissora fizeram parte da programação. É possível analisar que cerca de menos de 30% do telejornal “Meio Dia Paraná” apresentado no horário de almoço aborda o tema do Dia Internacional da Mulher, levando em consideração o número total do tempo das reportagens somadas em comparativo com o total máximo de tempo do programa.

Ainda que a mulher esteja conquistando o seu espaço e lugar de fala dentro da sociedade estruturada em cima do patriarcado, é notável que existem diferenças na representatividade dentro do telejornal, uma vez que as notícias que predominam são referentes à violência e discriminação ou homenagens com rosas e ações que ensinam maquiagem.

O noticiário teve mulher como repórter e fonte. As repórteres do telejornal acabam por se encaixar nos padrões de beleza definido pela sociedade como ser branca, magra e ter o cabelo liso. Ainda é um ambiente que está começando a ser socialmente desconstruído. É possível afirmar tal frase pois a representatividade é pequena. Quando o assunto é fonte, o cenário começa a mudar um pouco. A entrevista que aconteceu no estúdio da RPC foi com uma mulher negra, a socióloga Marivânia. As ações e homenagens nas ruas também apresentam maior diversidade de mulheres, não tendo o foco apenas em mulheres brancas de classe média. As reportagens que falam sobre violência contra a mulher são apresentadas por homens, exceto a reportagem sobre um feminicídio, apresentada por uma mulher.

BALANÇO GERAL CURITIBA (RIC/RECORD)

A RIC totalizou a duração de 2 horas e 39 minutos da exibição do telejornal do almoço “Balanço Geral Curitiba”, contando com os intervalos. O telejornal apresentou duas reportagens referindo-se à mulher, a primeira acontece depois de uma hora de jornal com a notícia de que uma mulher foi encontrada morta. A segunda reportagem aparece nos últimos cinco minutos de jornal com uma homenagem feita em forma de álbum fotográfico. A primeira reportagem mostra o quanto as mulheres ainda são violentadas. A segunda reportagem reforça o estereótipo de que é necessário ser bonita diante da sociedade. Nessas duas horas de telejornal, apenas duas mulheres são repórteres, sendo elas de acordo com o padrão exigido pela sociedade (branca, magra e ter o cabelo liso).

O lugar de fala no telejornal não é apresentado, visto que as mulheres foram silenciadas de forma indireta e mascarada. Ao final do “Balanço Geral Curitiba”, o apresentador deseja um “feliz dia da mulher” às telespectadoras. Sendo assim, apenas cerca de 6% do telejornal abordou o assunto de alguma maneira, seguindo o cálculo abordado no exemplo anterior.

TRIBUNA DA MASSA (REDE MASSA/SBT)

A Rede Massa apresentou 2 horas e 21 minutos do telejornal “Tribuna Da Massa” e também não houve nenhuma menção ou reportagem sobre o tema. O programa de mais de 2 horas, teve cinco reportagens com mulheres sendo repórteres e uma reportagem com a chamada “os tarados do carro”, uma matéria explicando sobre homens que perseguem meninas para estuprá-las.

Em nenhum dos dois últimos jornais temos a presença da mulher como apresentadora, sendo apenas usadas como fontes ou atuando como repórteres. Percebe-se também que a utilização de imagens distintas entre si não é quase apresentado, tendo sido usadas na maioria dos casos planos médio ou mesmo planos sequências durante as entrevistas, não fugindo do padrão já existente na mídia. Também é interessante notar a falta de elementos adicionados na fase de edição do material: não há complementação com dados na tela ou outras informações ou ilustrações que poderiam ser utilizadas e que adentrariam no lugar do de fala, sendo para ajudar ou atrapalhar.

Assim, os jornais utilizaram de maneira geral, quando somadas as três programações em média possuem cerca de menos de 16% do seu tempo para abordar a data em questão e abrir espaço para as mulheres usarem e praticarem seu lugar de fala, uma vez que quando as mulheres são repórteres em assuntos que fogem de algo ou discussão específica envolvendo o seu gênero, não é contado como espaço para o lugar de fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante perceber a maneira como o lugar de fala é deixado de lado na maioria dos casos entre os telejornais aqui analisados. As mulheres não são parte da programação como poderiam ser em uma data tão simbólica como o 8 de março. O veículo que melhor tentou explorar o dia é a RPC, mas mesmo assim, acaba sendo falho em não alinhar lugar de fala com diversidade e colocar a data como mais uma data comercial do que de luta e resistência, ignorando o contexto no qual ela foi criada e o que a define e significa em sua essência.

Analisar o lugar de fala caminha entre uma linha tênue entre saber observar até onde você está praticando e abrindo espaço de maneira correta e até onde você pode ir, porém, neste casos essa discussão nem cabe, uma vez que não houve esforço para aplicar esse conceito de maneira correta, ou que se aproximasse do que se imagina como correta.

Os jornais da Rede Massa e da RIC TV, exploram a data de maneira preguiçosa, sendo que a Rede Massa nem sequer abordou o assunto. Assim, percebe-se como o telejornalismo – que ainda mantém um formato predominantemente tradicionalista e mais conservador que o ambiente web – acaba por não usar e incorporar um conceito tão importante e colocado em pauta hoje que é o lugar de fala.

O ambiente web com toda a sua diversidade acaba por usar desse recurso de maneira mais apropriada, permitindo que o espaço que já existe possa ser usado pelas pessoas que ali convêm por ocupar o seu local de fala, no qual elas têm não só conhecimento, mas vivência e propriedade para falar. Este pode ser o objeto de uma nova pesquisa de iniciação científica para continuar esta análise.

Por tanto, os telejornais têm dificuldades com questões sociais como esta, que acabam por prejudicar uma certa parcela da população e movimentos sociais ali presentes. O jornalismo tem o poder de informar e ele deve fazer isso de maneira a contribuir com a população e o desenvolvimento da cidadania, que nada mais é que a luta constante por direitos. Uma vez que conceitos como estes não são postos em prática, acaba por contribuir em retrocesso social. Assim, percebe-se a necessidade da televisão de se reinventar e acompanhar esses conceitos.

Female standpoint on TV news shows in Curitiba on March 8

ABSTRACT

This study analyzes three newscasts shown on March 8, International Women's Day, seeking to show how the place of speech of women is being represented on that date. Among the newspapers chosen are Meio Dia Paraná from RPC (Globo), Balanço Geral Curitiba from RICTV (Record) and Tribuna da Massa (SBT). The analysis starts from pre-established categories, for example, if the woman is as a reporter and / or source, how long the exposure of the content lasted compared to other news of that same program, if the subject treated is related and biased to stereotypes and also as to the language used, both verbal, non-verbal and audiovisual.

KEYWORDS: Telejournalism. Women. Curitiba. Gender. Standpoint theory.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. Lugares de Fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa In: II Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo, 2004, Salvador. Anais do II Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo. 2004.

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo. Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BRAGA, José Luiz. “Lugar de Fala” como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. Mídia e processos socioculturais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, novembro de 2000.

HUNDZINSKI, Celuy. (2003). A Mulher e o seu dia. Revista Espaço Acadêmico, V02, N 22. [Em linha]. Disponível em: <
<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/35797>>

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Crítica da Narrativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2013

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

RIBEIRO. Djamila. O que é lugar de fala. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

RUIZ, João Alvaro. Metodologia científica. São Paulo: Atlas 1980.

Recebido: 30 mai. 2019.

Aprovado: 5 mai. 2020.

DOI: 10.3895/rde.v11n18.10173

Como citar:

SOARES, L.M.A.; VICHINHESKI; NODARI, S. O lugar de fala de mulheres nos telejornais de Curitiba no dia 8 de março. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 11, n. 18, p. 54-65, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

